

conhecimentos que podem ser trocados para o enriquecimento mútuo, de brancos e negros. Não queremos que nos compreendam, no sentido acima exposto, mas que conversem conosco, que dialoguem. Com esse diálogo todos ganham, pois o aprendizado não será unilateral (um ensina e o outr@ aprende), mas mútuo. Nossas diferenças serão parte da contribuição original que temos a oferecer um ao outr@, espontaneamente.

Nossa identidade está sendo reconstruída, pois a que recebemos estava por demais estereotipada. Reconstruímos a nossa identidade diariamente, enfrentando preconceitos que ainda insistem em manifestar-se.

Notas

- 1 Ezequiel de Souza é estudante de Teologia na Escola Superior de Teologia e de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista do CNPq, integrante do Grupo de Negros da EST e representante do corpo discente no Conselho de Pesquisa da EST. Este texto é parte da Oficina Comunicação e Cultura – Formas como São Transmitidos Preconceitos Raciais, ministrada no XV Acampamento Repartir Juntos, em Concórdia, Santa Catarina, nos dias 15-19 de janeiro de 2003.
- 2 Emmanuel LÉVINAS, A ontologia é fundamental?, in: id., Entre Nós: ensaios sobre a alteridade, Petrópolis: Vozes, 1997.

Horizontes de cura do preconceito

Maricel Mena López

Este foi o tema da oficina promovida pelo grupo Identidade durante o Encontro de Pastoral Luterana, realizado em Marechal Candido Rondon em fevereiro de 2003. A oficina foi coordenada por dois estudantes, Fernanda Tolsdorf e Ezequiel de Sousa, e pela Prof. Dra. Maricel Mena López.

Começamos o nosso trabalho falando sobre atitudes e falas preconceituosas que circulam no nosso cotidiano. Em seguida motivamos os e as participantes a escrever numa folha frases preconceituosas que escutamos no nosso cotidiano. Cada pessoa fez a leitura em voz alta da frase, destacando o quanto essa linguagem é reprodutora de racismos, sexismos e classismos. Então destacamos a necessidade de abrir as

nossas portas eclesiais para outros grupos e comunidades que foram excluídas consciente ou inconscientemente das nossas comunidades eclesiais. Por exemplo, os afro-brasileiros, os indígenas, e muitas mulheres de espaços de lideranças. Num ato simbólico de compromisso com meus semelhantes fizemos uma queima simbólica dessas frases, comprometendo-nos com a luta contra os preconceitos em nossas comunidades.

Uma vez feita essa queima, surgiu a seguinte pergunta: como teria atuado Jesus no seu tempo, perante as pessoas que não eram de seu grupo social? Assim, fizemos a leitura do texto de Mc 7.24-30. Esta foi a pergunta norteadora do trabalho feito em pequenos grupos. A maioria dos

grupos ressaltou a atitude preconceituosa de Jesus, salientando sua humildade ao se deixar interpelar pela mulher estrangeira que pede a cura da sua filha. Assim passamos para o estudo do texto.

O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia faz parte de um conjunto mais amplo de encontros, palavras, gestos e milagres de Jesus relatados na obra de Marcos. No texto de Mc 7.24-30 encontra-se, pois, uma série de símbolos como: pão, cura, diálogo e conflito, que são familiares na leitura de todo o Evangelho de Marcos.

Marcos situa o encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia na cidade de Tiro, localizada na Fenícia, parte da Síria. Está situada na zona costeira, ao norte da Galiléia. As relações comerciais entre Israel e Tiro eram intensas desde tempos muito antigos da história israelita (1Rs 9.10-14), contudo, essas relações foram também conflituosas. No tempo dos profetas, por exemplo, Tiro é condenada por ser uma cidade muito rica, por ter alianças com outros impérios e, conseqüentemente, por praticar outra religião além do javismo (Is 23.1-18). O encontro de Jesus não sucede no interior da cidade, mas no campo, numa região de fronteira onde confluem no mínimo três culturas diferentes: fenícia, judaica e helenista. Aqui é possível a convivência mesmo com tensões étnico-culturais e econômicas próprias dos territórios limítrofes ou de fronteira.

Após situar o texto dentro de seu contexto, tentamos ver mais de perto Mc 7.24-30 destacando de forma especial os conflitos revelados. Jesus vai até a região de Tiro justamente para visitar os judeus lá residentes. Nessa visita Jesus quer

permanecer no anonimato (v. 24), mas não consegue, pois uma mulher de origem pagã, quer dizer, não judaica, ouve falar de Jesus e vai até a casa onde ele se encontra buscando a cura para sua filha doente (vv. 25-26). A resposta de Jesus é a seguinte: “Deixa primeiro que se fartem os filhos, pois não está bem tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos” (v. 27). Nela se nos revelam os conflitos étnico-raciais existentes entre judeus e não judeus, mas também as tensões de gênero entre homens e mulheres, e de classe entre ricos e pobres. Porém a voz da mulher nos revela sua sabedoria e criatividade retórica ao responder: “É verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas dos filhos”. A mulher introduz uma discussão teológica em prol da sua filha.

Ela representa a voz bíblico-teológica das mulheres, que têm sido excluídas e marginalizadas do discurso cristão. Ela rompe com qualquer preconceito que inferioriza a sabedoria das mulheres. E estabelece um diálogo inclusivo entre judeus e não judeus. É a palavra dela que ameniza o conflito racial e social implícito e nos ensina que podemos ter uma convivência e tolerância entre os grupos que são diferentes do nosso. Jesus aceita o desafio bíblico-teológico da mulher e a cura da filha da mulher se realiza (vv. 29-30). Deste modo observamos como a pedagogia de Jesus inclui também a troca de conhecimentos, sua atitude nos revela um Jesus humano que se deixa interpelar pelos setores mais marginalizados da sociedade e que nos chama para que atuemos assim, quer dizer, respeitando nossos jeitos diferentes de ser.

Este rápido estudo do texto nos interpelou quanto à necessidade de superar os preconceitos que temos em relação às mulheres e comunidades negras em especial, revisando em nossa vida cotidiana a nossa linguagem preconceituosa que contribui para a negação destes grupos. Visto que a linguagem preconceituosa nos revela que vivemos numa sociedade doente, e que essa doença produz marginalização psicológica e social de pessoas e grupos. Pois as exclusões sociais provenientes do racismo, do sexismo e dos antisemitismos se revelam a través das palavras, da fala. Assim, vemos que a nossa retórica é uma ferramenta que serve tanto para a dominação como para a libertação, isto é, ela pode produzir tanto vida como morte. E, como cristãos e cristãs, nosso compromisso é com a vida.

Também percebemos que um dos nossos principais desafios é possibilitar a abertura das nossas fronteiras eclesiais abraçando a diferença. Isto, sem dúvida, nos desafia quanto à necessidade de uma igreja mais aberta e plural, e deste modo o cristianismo que pregamos se engrandece. Um outro elemento ressaltado nessa

prática de Jesus é a necessidade de diálogo com aqueles que estão debaixo da mesa, isto é, no lugar de exclusão social, desprovidos da palavra. Finalmente reivindicamos o direito à inclusão de gênero, etnia, idade, limitações, opções sexuais em nossa igreja. Isto nos ajuda na cura de preconceitos que ainda rondam as nossas comunidades eclesiais. Isto, sem dúvida, rompe barreiras e cria novas relações mais justas e fraternas entre as pessoas.

Fechamos nosso estudo manifestando o nosso compromisso com meus semelhantes cantando: “Na nova terra o negro, o índio, o empobrecido, o branco e todas vão comer no mesmo prato”, salientando a riqueza da oficina e lamentando o fato de que este tema seja somente aproveitado por um grupo tão pequeno dentro de um evento com um público tão numeroso. Contudo, continuaremos caminhando nessa busca da prática solidária de Jesus em nosso cotidiano.

Bibliografia

- SCHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth. Pero ella dijo. Editorial Trotta, Madri, 1996. p. 62-67.
DE LIMA, Silvia Regina, En territorio de frontera Una lectura de Marcos 7,24-30. San José, DEI, 2001, 131 p.

Reflexões sobre um currículo inclusivo

Selenir C. Gonçalves Kronbauer*

Estimulada a contribuir com um texto para o Boletim Identidade, tentei elencar alguns aspectos relativos a educação, inclusão/exclusão e libertação, relacionando-os ao “Currículo Escolar e suas implicações no cotidiano d@s estudantes”.

Entendo que ensinar é uma forma de intervir na realidade e que os e as profissionais da educação precisam ser éticos,

revelando aos estudantes sua capacidade de analisar, comparar, avaliar e decidir sem omitir-se diante da realidade. Assim o entendo quando Paulo Freire afirma que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”¹.

A escola, o espaço onde o indivíduo deveria circular com mais liberdade